

## **A Educação na Era Digital**

por

António Dias de Figueiredo

Há uma lei da ecologia e das sociedades que diz que para sobreviver é necessário aprender à velocidade a que o ambiente muda. Claro que, para aplicarmos esta lei, temos de saber o que está a mudar. Saberemos nós, com clareza, o que está realmente a mudar na Era Digital? Ou estaremos a agir, entusiasticamente, mas cegamente, sem cuidar de esclarecer o que está a mudar?

Estamos, sem dúvida, a tentar melhorar a educação! Mas estaremos a fazê-lo centrados nos fins? Ou nos meios? Será que estamos a agir como o automobilista que conduz a alta velocidade numa estrada sinuosa sem olhar para a estrada e com os olhos postos no espelho retrovisor?

O discurso educativo dos nossos dias tende a encarar o digital numa perspetiva meramente instrumental – “Vamos lá ver o que conseguimos fazer com estas tecnologias!...” – e não na complexidade cultural desta nova era. Ora, como sabemos, as abordagens instrumentais são, do ponto de vista antropológico, primitivas e rudimentares. Os nossos antepassados trogloditas levaram milénios entre a descoberta das primeiras ferramentas, e de como utilizá-las, e a sua plena interiorização cultural. E, enquanto não fizeram essa interiorização, o mundo manteve-se primitivo...

Sinto que em matéria de tecnologias na educação continuamos largamente neste estado – ao nível instrumental, sempre desatualizado (porque o mundo muda), do “como fazer”. Mas vejamos o que está a mudar neste mundo.

## **Como é o emprego na Era Digital?**

Nos anos setenta, sonhava-se com o ideal do “pleno emprego”. Cinquenta anos depois, a globalização destruiu as fronteiras entre países e continentes e tornou precária a maioria dos empregos. Para os próximos anos, anuncia-se a automatização maciça dos postos de trabalho e a substituição de muitos humanos por robots, algoritmos e aplicações informáticas. Ora é neste mundo que os estudantes das nossas escolas terão de integrar-se, diferenciar-se e afirmar-se se quiserem encontrar a sua plena realização. O que estamos a fazer para os preparar para esse mundo?

A verdade é que os sistemas de ensino, ainda vinculados ao mandato de produzirem industrialmente funcionários para uma economia de pleno emprego, estão a ser incapazes de desenvolver os cidadãos autónomos, afirmativos, criativos, inovadores e solidários que esta Era Digital exige.

## **Que competências para a Era Digital?**

Num dos seus estudos mais recentes, o *World Economic Forum* debruça-se sobre as competências dos profissionais do século XXI. Dentro destas, destaca a capacidade para resolver problemas complexos, criatividade, aptidão para comunicar e colaborar, curiosidade, iniciativa, persistência, resistência à frustração, adaptabilidade, liderança e sensibilidade às dimensões social e cultural. Ora a escola de hoje está nas antípodas da criação destas competências!...

É urgente que se compreenda que as competências digitais de nível superior não são competências tecnológicas: são competências culturais.

## **Que culturas na Era Digital?**

Embora os jovens dos nossos dias tenham nascido na Era Digital e dominem com destreza as suas tecnologias, não estão preparados para os desafios que ela coloca. De facto, a sua agilidade instrumental na utilização dos novos meios é maioritariamente dirigida para o consumo (de músicas, jogos e outros conteúdos) e está longe

de corresponder a agilidades conceituais e culturais superiores. Está longe, também, de os proteger dos perigos de uma exposição pública alargada, de os resguardar de manipulações e ameaças e de os sensibilizar para a falta de credibilidade da maior parte das informações com que se cruzam. Por isso, o desafio que se coloca a este nível é o de assegurar que os jovens evoluem, do seu estatuto de meros consumidores, para o estatuto de utilizadores esclarecidos – e deste para o estatuto de criadores e participantes ativos. Será que estamos a fazer isto?

O desafio do digital não é, assim, meramente, como se afirma, o de integrar “o digital” na relação ensino-aprendizagem. Nem é o de desenvolver nos jovens competências instrumentais para o “uso” das tecnologias da informação e da comunicação. O desafio – o grande desafio – é o de os preparar para uma pertença cultural plena, madura, ativa e autónoma à nova era. Estaremos a fazer isto?

### **Que pedagogias para a Era Digital?**

Uma das vias que se abre para a superação destas dificuldades – e as tecnologias oferecem, aí, preciosa colaboração – é transformar as pedagogias, de um modelo que sobrevaloriza a explicação e a passividade para um modelo que valoriza a iniciativa e a autonomia. Como sugeria Paulo Freire, o maior desafio da educação, nos nossos dias, não é o de “explicar” conhecimentos inertes e descontextualizados, mas o de criar cidadãos curiosos, autónomos, capazes de assumirem, individual e coletivamente, a condução da sua aprendizagem e a construção do seu próprio destino.

A transição, de uma pedagogia da explicação para uma pedagogia da autonomia, aponta, por outro lado, para a adoção de abordagens pedagógicas ainda pouco praticadas nas nossas escolas, como a aprendizagem baseada em projetos, a aprendizagem mista, as aulas invertidas, a coavaliação. Estaremos a assumir explicitamente este desafio? Ou estaremos a perseguir slogans, como o das “salas de aulas do futuro”, que criam alternativas falsas e atrasam autênticas soluções do futuro?

### **Que professores na Era Digital?**

A preparação para a vida ativa e cultural da nova era e a transformação das pedagogias colocam dificuldades imensas a uma escola que não foi concebida para tal. Os desafios que esta mudança coloca à formação de professores situam-se muito para além da preparação para o uso instrumental das tecnologias. Também aí, teremos de valorizar a iniciativa, a autonomia e a enculturação ativa, muito mais do que a explicação.

O bom professor da Era Digital assumirá, seguramente, para além das muitas e valiosas funções que tem vindo a desempenhar ao longo dos tempos, a nobre função de se transformar num agente chave de transformação cultural e criação de autonomia e pro-ação. Estaremos a prepará-lo para essa função? Ou, insisto, estaremos a perseguir slogans que criam alternativas falsas e atrasam autênticas soluções do futuro?

### **Uma escola com futuro**

Daqui resumo as minhas sugestões para a escola da Era Digital:

- O mundo mudou e muda cada vez mais. Estudemos com seriedade as suas implicações e ajustemos em permanência a educação. Não interessa educar ninguém para o mundo que já não existe.
- Clarifiquemos as crescentes necessidades culturais dos dias de hoje e procuremos superá-las, na escola, desenvolvendo cidadãos autónomos e capacitados para assumirem o seu próprio destino.
- Adaptemos as pedagogias e a nobre missão dos professores a estes desafios da nova era.
- Evitemos confundir os meios com os fins, perseguindo slogans e alternativas falsas que nos desviem do que é essencial para o que é acessório.

O desafio que confrontamos é ponderoso – e mais sério do possamos pensar. Não se trata de passar tranquilamente de um regime estável, o do pré-digital, para outro regime estável, o do digital, e dar o problema como resolvido. O que está em causa

é uma mudança profunda e crescente do mundo em que vivemos. Essa mudança encontra-se, para já, nos seus primórdios (já devastadores para muitos sectores da sociedade), mas tenderá a desmultiplicar-se, no próximo futuro, em modalidades e consequências que ninguém sabe como vão evoluir. A moda de hoje estará fora de moda amanhã!

O digital é, em larga medida, responsável por essa mudança, mas as respostas ao desafio não estão em aprender ou ensinar o digital. Estão em desenvolver as competências da futura geração para esse mundo de transformação, preparando-os culturalmente para que possam construir a sua autonomia e contribuir para que o mundo seja melhor.

NOTA - Apresentação adaptada para esta conferência a partir do artigo de António Dias de Figueiredo, “Por uma escola com futuro . . . para além do digital”, publicado na revista Nova Ágora, nº 5, Setembro de 2016, pp. 19-21.